

O BICO DE LACRE

(ESTRILDA astrild)

José Luis de Castro Silva

ESTRANHA COINCIDÊNCIA

Nosso presidente Beraldi acabara de conversar comigo ao telefone, falando de sua intenção de fazer um número do Brasil Ornitológico para ser distribuído por ocasião do Campeonato Brasileiro e sondando a possibilidade para que eu escrevesse uma matéria. Disse-me ele: algo como aquele do Pardal e logo a seguir veio-me à mente o pássaro africano que é atualmente, como o pardal, considerado como se fosse de nossa fauna.

Expus minha idéia e acertamos o assunto para o artigo.

Logo após nossa conversa, almocei e saí para dar uma volta e próximo do edifício onde moro, um menino abordou-me perguntando: - o sr. que tem tantos passarinhos não pode fazer alguma coisa para salvar este lindo bichinho que encontrei ali na calçada? Infelizmente nada pude fazer, pois o pobrezinho já estava morto. Era um bico de lacre. Mostrei ao garoto que ele já morrera e ele me disse que quando o encontrou ainda se mexia, mas como não mais vivia, iria enterrá-lo. Perguntei: já tinha visto este passarinho? - Não senhor, nunca tinha visto e saiu cabisbaixo levando o pequeno cadáver.

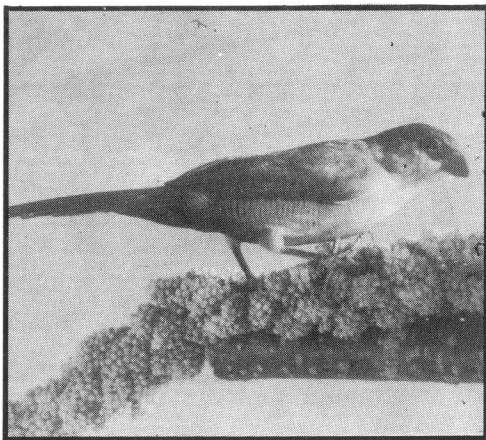
A atitude do menino transportou-me para a década dos quarenta quando eu,

garoto como ele, fazia caçadas de "biquinhos", como os chamávamos, nos terrenos próximos à rua Uruguai na Tijuca, onde morei por mais de vinte anos.

Hoje, analisando o processo utilizado por nós em tais caçadas vejo como era violento.

Utilizávamos o visgo da jaqueira que após colhido era misturado com jornal queimado para escurecer e mantido em um vidro com água até sua utilização.

Era uma equipe de quatro a cinco garotos (ou pestinhas?). Um vigia encarregado de detetar e avisar da aproximação dos biquinhos. Um que ficava com a "chama", e dois ou três que se



encarregavam de apanhar os pobrezinhas que ficavam presos no visgo e com banha retirar o visgo das patinhas. Só que quando pousavam mais pássaros que apanhadores, os últimos a serem retirados ficavam em estado lastimável, pois, sentindo-se presos, se debatiam e acabavam prendendo as asas ou outra parte do corpo.

O pobrezinho que servia de chama ficava com um dos meninos dentro de uma "cabana" próxima a área onde ficava a vara com visgo. Ficava preso pelas pernas em uma das mãos e quando o vigia dava o alerta, era cotucado nas costas com um dos dedos da outra mão e emitia sons que fazia com que o bando que vinha voando pousasse no capim e nas varas de visgo próximas ao companheiro supostamente em perigo. O processo era um tanto bárbaro mas havia um lado positivo, nunca apanhávamos pássaros em quantidade que não pudéssemos tratar, o que posteriormente era feito com muito carinho.

Os tempos eram outros, não havia televisão nem videogames, os terrenos onde vicejavam plantas eram numerosos e os pássaros também, e de ecologia nem se falava.

O BICO DE LACRE

É um granívoro da ordem dos passeriformes e da família dos Estrildídeos, e existem várias espécies bastante parecidas.

É denominado cientificamente *ESTRILDA ASTRILD* mas é conhecido na Europa como *Astrild* de Santa Helena.

Segundo Dalgas Frisch sua data de introdução no Brasil não é precisa, podendo ter sido na época do Império ou no início do século que vivemos.

É originário das savanas do centro e do sul da África.

É um pássaro pequeno de cerca de dez centímetros de comprimento, muito bonito. O bico é vermelho nos adultos e preto nos filhotes. As patas são escuras.

Uma banda vermelha acompanha o bico, envolvendo os olhos, estreitando-se após estes e terminando em ponta na nuca. A cabeça e o dorso são cinza amarronzados e o peito é rosado marcado de marrom. O peito e os flancos apresentam um barramento fino o que o distingue de outro pássaro, constantemente confundido com ele, o bico de coral (*Estrilda Troglodites*).

A parte inferior do pescoço é creme rosado e a cauda relativamente longa para o tamanho do pássaro é mais escura que o dorso, e é movimentada com frequência para a direita e para a esquerda quando o pássaro pousa.

É basicamente granívoro mas na época da criação, alimenta-se de insetos em quantidade, principalmente após a eclosão dos filhotes.

Estão sempre em movimento e voam normalmente em bandos de número variável de indivíduos. Na época do acasalamento os pares se separam e o macho defende seu território com bastante ardor.

É difícil separar os sexos, mas na época

do acasalamento os machos apresentam cores mais vivas, principalmente o avermelhado do centro do peito e cantam com bastante frequência. O canto é uma sucessão de chilreios (ti, ti, ti é; ti, ti, ti é), não muito alto, mas agradável ao ouvido.

A corte feita pelo macho consiste em eriçar as penas, prender uma palha no bico e fazer movimentos como uma dança em torno da fêmea, com muita cantoria.

O ninho em forma de pera é feito pelo casal com a entrada voltada para baixo. Além da câmara onde os dois chocam os ovos, existe uma outra onde o macho dorme ou descansa. A parte interior da câmara é forrada com penas e ervas finas.

A fêmea põe de quatro a seis ovos, de cor branca, que são chocados por doze dias. Os filhotes deixam o ninho após a terceira semana mas são alimentados pelos pais por mais algum tempo.

O BICO DE LACRE NO BRASIL

É um pássaro comum no sudeste, principalmente no Rio de Janeiro.

O desaparecimento dos chamados terrenos baldios, onde o capim crescia com facilidade, afastou-os de muitos locais onde eram freqüentes.

Aqui no Grajaú, onde moro, em todas as áreas verdes onde existem gramíneas eles podem ser vistos com relativa freqüência.

Sempre em bandos, levantam vôo emitindo seus sons característicos quando

assustados, ou para mudar de lugar de comer.

Adoram as sementes de capim colônio, tão logo elas se abrem no topo do talo, mas comem todas as sementes de gramíneas.

É um espetáculo muito interessante vê-los chegar no colônio, pousar nos pendões, que se vergam e balançam, e devorar os grãos ainda não maduros. A cauda com seu movimento oscilatório horizontal parece tentar equilibrá-los nos talos em movimento.

Em Guaratiba, nos terrenos do Centro Tecnológico do Exército existem em grande quantidade, pois lá, o colônio, que é para nós uma praga, é abundante. Como nos idos dos "anos quarenta" na Tijuca, junto aos bicos de lacre voam em Guaratiba os caboclinhos, pássaros que não via há muitos anos no Rio.

O nosso pequeno e belo biquinho de lacre adaptou-se perfeitamente às condições aqui existentes, mas as "selvas de pedra" que são construídas os obrigam a procurar sítios um pouco afastados, onde as condições ambientais são mais propícias à sua existência. Mesmo assim freqüentam periodicamente regiões habitadas e às vezes constroem seus ninhos junto a residências, como acontece regularmente com um casal que por várias vezes construiu seu ninho em uma árvore junto à porta de entrada do nosso amigo Seraphim.

E hoje, o bico de lacre pode ser considerado como único representante da família Estrildidae de nossa avifauna de modo idêntico que os pardais representam a família dos Ploceidae.